

COTIDIANO DA ESCOLA

LESBOFOBIA E COTIDIANO ESCOLAR

CONTROLE INVISÍVEL DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Claudia Vianna*

Maria Cristina Cavaleiro**

Ao focarmos o cotidiano da escola em nossas análises, lembramos que o processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento sobre a diversidade sexual e pelo despreparo no trato com a temática, revelando preconceitos e discriminações, tanto por parte de professores (as) quanto de estudantes . Nesse sentido, os espaços escolares enfrentam a alta incidência da homofobia - conceito este compreendido enquanto “uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquia das sexualidades” que “confere à heterossexualidade um status superior, situando-a no patamar do que é natural, do evidente” (BORRILLO, 2001, p.15).

Já existem muitas denúncias em relação à homofobia na escola, mas são poucas as referências a estudos acadêmicos sobre garotas que revelam seu desejo, sua atração por outras garotas no ambiente escolar: as referências às lesbianidades são menos comuns . Nesse sentido, cabe alertar para o fato de que o preconceito e a discriminação dirigidos às lésbicas não são da mesma ordem que os da homossexualidade masculina, por isso trazemos a noção de LGBTfobia para marcar as diferenças contidas nas variantes da própria sigla (AVELAR; BRITO; MELLO, 2010).

A seguir apresentamos alguns fragmentos de relatos obtidos em pesquisa realizada em

* Livre Docente. Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Educação. Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação.

**Doutora. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Campus Cornélio Procópio. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Colegiado de Pedagogia/Campus Cornélio Procópio.

uma escola pública estadual de ensino médio, sobre as vivências de garotas - entre 16 e 17 anos – que se autotranscreveram lésbicas, homossexuais ou bissexuais.

Quando a LGBTfobia se traveste de cuidado Numa acepção de dicionário, um exagero significa que algo está sendo feito com excesso e se traduz como abuso. Na discussão dos limites para beijos considerados exagerados na escola, uma das professoras (participante de grupo de discussão) relata que “duas meninas, que se beijavam no pátio da escola e foram chamadas na sala da coordenadora para ver o que seria feito. [...] para protegê-las [...] evitar que sofressem com tal exposição, pois isso era um exagero”. Entretanto, o beijo entre as garotas, além de ser considerado “um exagero”, também agregava a conotação de escândalo. Durante uma conversa realizada numa sala (da coordenadora), prescrevia-se às garotas que:

quando vocês duas decidem dar um beijo na boca, vocês sabem que não vão mais passar pelo corredor, despercebidas, todas vocês serão apontadas, faladas. Então o que vocês querem (é) uma vida normal? Vocês querem chamar atenção, vocês querem viver o amor de vocês da forma que acham que devam? Essa atitude vai fazer com que fiquem procuradas aqui dentro. (Professora. Grupo de discussão)

Na estratégica retórica do discurso, em nome do cuidado desvelava-se o estigma da proibição do beijo e sugere-se que as garotas faziam algo que não deveria ser realizado em público e que nem deveria ser percebido. A sexualidade não-heteronormativa se constituiu como um “problema” na medida em que as garotas requisitavam visibilidade e pertencimento social diante de posturas que afirmavam a LGBTfobia na escola. Um jogo sutil dos discursos autorizados, para ensinar que a experiência dos beijos (e dos afetos) deve ser ocultada:

foi uma conversa para dizer que não tinham como continuar com esse temperamento[...] evitar que tivessem problema, e que não viessem mais para a escola. Por isso (foram) alertadas [...] sobre cada atitude que têm (pois) vocês são aquilo que fazem (Professora, grupo de discussão).

Materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais, percebem-se os efeitos da matriz organizativa da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 1990, 2005) ou da LGBTfobia.

Quando as garotas são proibidas de expressar seus afetos e levadas para uma sala para uma conversa especial, tal ação parece ser concebida como proteção, para que não sejam

molestadas; mas revela uma precaução, uma prática insidiosa que fomenta a LGBTfobia na escola e imprime uma expectativa constante da nãoaceitação e da segregação social. Um “discurso de proteção” que cria vulnerabilidade, no qual a ignorância circula camuflada na forma de conhecimento (BRITZMAN, 1996). Afinal, se uma garota declarasse sua atração ou interesse por um garoto, seria aconselhada a “não continuar com esse temperamento”?

Uma forma específica de LGBTfobia – a lesbofobia (BORRILLO, 2001) – mantém a discriminação em sua forma dissimulada, menos explícita, mas não menos presente e causando prejuízos. Formas de regulação dos afetos e das percepções sobre as vidas dignas ou indignas. O marco normativo heterossexista torna precária a vida das garotas: controle invisível da liberdade de expressão, da liberdade de ser, de viver sem medos, sem angústias, sem a necessidade de esconder-se.

Em última análise, trata-se de uma violação aos direitos humanos (o direito à não-discriminação) e, no caso específico da escola, ao direito à educação; que inclui, entre outros, o direito legítimo de reconhecimento dessas garotas – com seus beijos, afetos e desejos – no ambiente escolar

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AVELAR, R. B. DE; BRITO, W.; MELLO, L. A (in) segurança pública que o estado brasileiro oferece à população LGBT: mapeamento crítico preliminar de políticas públicas. 2010. Disponível em: <<https://www.sertao.ufg.br/Politicaslgbt /interna.php?id=5>>. Acesso em 10/09/2014.

BORRILLO, Daniel. Homofobia. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.

BRASIL/MEC/INEP. Pesquisa sobre discriminação e preconceito no ambiente escolar – Principais resultados. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP),2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/ documents/ diversidade_apresentacao.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2013.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jun., 1996.

BUTLER, Judith. Gender Trouble: feminism and the subversion of identity. New York; London: Routledge; Chapman & Hall, 1990.

_____. Cuerpos que importam: sobre los limites materiales e discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2005.

CAETANO, Márcio. Os gestos do silêncio para esconder as diferenças. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CAVALEIRO, Maria Cristina. Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FERRARI, Anderson. Experiência Homossexual no contexto escolar. Educar em Revista, v. 1, p. 101-116, 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2009. p.85-93.

RAMIRES, Lula. Habitus de Gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TOLEDO, Livia Gonsalves. Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.